



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 22 – Ano XI – 10/2022
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Modelo de Formatação para Artigos Submetidos VOZES

A luta multivocal pelo direito à memória em Teófilo Otoni, Vale do Mucuri

Prof. Dr. Andrey Lopes de Souza
Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7849089836458919>
E-mail: andrey.lopes@ufvjm.edu.br

Profa. Dra. Felismina Dalva Teixeira Silva
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9463449129778946>
E-mail: felismina.dalva@ufvjm.edu.br

Resumo: Teófilo Otoni é a principal cidade do Vale do Mucuri, mesorregião do Nordeste de Minas Gerais. Trata-se de um espaço constituído pela presença de populações originárias, negros, imigrantes europeus e orientais que chegaram atraídos pela proposta de um projeto colonizador pensado para a região. Teófilo Otoni se constituiu como uma cidade heterogênea, marcada pela presença desses diversos sujeitos sociais. No entanto, na memória oficial prevalece a presença de imigrantes europeus, seja nos nomes atribuídos às ruas e avenidas, prédios e monumentos, seja na dominância espacial de terrenos economicamente valorizados

da cidade. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é problematizar os “lugares de memória” oficiais / hegemônicos e os alternativos, desvelando a luta multivocal presente nas disputas em torno de projetos e de memórias pelo direito à cidade e à memória como marco de conquista da cidadania.

Palavras-chave: História Social; Cidade; memória social.

Abstract: Teófilo Otoni is the main city of Vale do Mucuri, a mesoregion in the Northeast of Minas Gerais. It is a space constituted by the presence of native populations, blacks, European and Eastern immigrants who arrived attracted by the proposal of a colonizing project designed for the region. Teófilo Otoni was constituted as a heterogeneous city, marked by the presence of these diverse social subjects. However, in official memory the presence of European immigrants prevails, whether in the names given to streets and avenues, buildings and monuments, or in the spatial dominance of economically valued land in the city. In this sense, the objective of this work is to problematize the official / hegemonic and alternative “places of memory”, revealing the multivocal struggle present in the disputes around projects and memories for the right to the city and to memory as a milestone of conquest of citizenship.

Keywords: Social History; City; social memory.

Introdução

Países, estados, cidades, ruas, avenidas, rios e parques são nomeados por sujeitos sociais comuns ou instituições públicas. São nomes oficiais ou alternativos que, para além de disputarem espaço nas listas de nomenclaturas de origem e significados de cidades presentes em dicionários, revelam valores, crenças e histórias vivenciadas por sujeitos sociais. Nomes de santos, belezas naturais, personalidades da região, nacionais ou internacionais, acontecimentos, atribuídos em torno de um nome próprio de uma cidade marcam o processo de produção de sentidos e significados do lugar. Visualizar os nomes atribuídos aos diferentes lugares serve como ponto de partida para a reflexão sobre o processo histórico de constituição de países, cidades ou ruas.

Teófilo Otoni é a principal referência do Vale do Mucuri (mesorregião de Minas Gerais) e carrega o nome do seu fundador Theophilo Benedicto Ottoni (1807-

1869)¹. A denominação da cidade também foi palco de disputas porque grupos hegemônicos decidiram alterar a ortografia inicialmente Theophilo Ottoni, e, finalmente tornou-se oficialmente Teófilo Otoni.

Um grupo praticamente invisível para os pesquisadores e que foi importante na formação da cidade e da região foi o povo africano. Poucas são as pesquisas sobre a contribuição dos escravizados e sobre aqueles que migraram para a Filadélfia de Benedito Ottoni. Nesta pesquisa defende-se que a importância desses sujeitos na formação social, econômica, cultural e política da cidade e região foi tão grande quanto a dos chamados “imigrantes alemães”. As marcas dos imigrantes, muito mais do que a dos negros e índios, foram deixadas nas edificações da Igreja Evangélica de Confissão Luterana e na Igreja Evangélica Martin Luther, ambas tão imponentes quanto a Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Por outro lado, onde estão as marcas dos negros que construíram essas edificações? Quais eram seus locais de culto? Quais monumentos identificam sua presença na cidade de Teófilo Otoni e região? A visibilidade dos negros na formação do Vale do Mucuri foi desconsiderada devido ao interesse no processo de branqueamento dos moradores da região conforme era o projeto de Benedito Ottoni. Pode-se falar em tentativa objetiva de promover o sufocamento da importância e da presença do negro como ator social e também responsável pela constituição social, política e econômica do Vale do Mucuri.

Refletir sobre a construção dessas territorialidades, tendo em vista a identificação e a permanência dos principais traços identitários que traduzem a contribuição do povo negro para a história da região, possibilita repensar uma legitimidade real que foi abolida. Dessa forma, escrever a história da cidade a contrapelo possibilita compreender as relações sociais que se estabeleciam na cidade, como elas se davam nas esferas econômica e política, e o papel desempenhado por esse grupo na história do Vale do Mucuri. Ainda assim, ressalta-se que a historiografia continua devedora das contribuições dos povos originários. Os monumentos desses povos se apresentam na memorabilia da população na sua imaterialidade ao denominar várias cidades da região.

¹ A cidade foi colonizada por Theophilo Benedito Otoni inicialmente com o nome de Philadelphia. Em 1878, a freguesia foi elevada à categoria de vila e recebeu o nome Teófilo Otoni (pela Lei provincial n.2486, de 9 de novembro de 1878), desmembrando-se de Minas Novas.

A partir desse contexto torna-se possível provocar a reflexão acerca das lutas em torno dos diferentes projetos em disputa na cidade em contraposição à proposta oficial de conformação da cidade/região, e seus “lugares de memória”. A reflexão sobre a constituição histórica da cidade permite problematizar os sentidos das intervenções que se por um lado, visam ordenar a cidade a partir das redes de poderes que se constituem na defesa de uma racionalidade com afeição aos interesses do mercado capitalista, por outro lado compreende essas transformações relegando à margem da história a presença de sujeitos que não estiveram no comando de políticas públicas instituídas. Por outro lado, esses participantes não perderam o protagonismo na formulação de espaços na cidade, na busca pelo direito à moradia, ao trabalho, à diversão e aos hábitos relacionados aos “costumes, crenças e comportamentos criados nas experiências destes viveres urbanos, em seus modos de marcar na paisagem urbana a visibilidade de suas práticas sociais, por meio dos seus referenciais das suas memórias e por isso das outras histórias da cidade” (CALVO, 2013, p.12).

Os nomes oficiais escolhidos para nomear espaços e monumentos escondem, e também revelam, muitas faces da luta pelo direito à cidade e reforçam e materializam a história oficial e aquelas memórias que se querem hegemônicas. Como adverte Pierre Nora (1993), esses são os lugares de memória, ou seja, lugares materiais e simbólicos nos quais a memória social se alicerça em memórias coletivas.

No presente artigo o objetivo identificar foi alguns dos diferentes lugares de memória oficial e aqueles que podem ser denominados de alternativos m Teófilo Otoni, a fim de problematizar a cidade a partir de um olhar para a presença dos lugares materiais e simbólicos produzidos pelo discurso oficial e aqueles produzidos pelos diferentes sujeitos sociais. A hipótese é que existe na constituição histórica desses espaços uma luta multivocal pela memória. Nas palavras de Paoli, significa compreender,

a construção de um outro horizonte historiográfico se apoia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos. Ela pressupõe que a tarefa principal a ser contemplada em uma política de preservação e produção de patrimônio coletivo que repouse no reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania, é resgatar estas ações e mesmo suas utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória do poder e em contestação ao seu triunfalismo. Aposta,

portanto, na existência de memórias coletivas que, mesmo heterogêneas, são fortes referências do grupo mesmo quando tenham um fraco nexos com a história instituída. E exatamente aí se encontra um dos maiores desafios: fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica"(PAOLI,1992, p.26).

A partir de lugares de memória reconhecidos socialmente foi feita a problematização das lutas pelo direito à cidade, como direito de pertencimento, cidadania e reconhecimento de histórias e memórias. Como recorte metodológico, foram analisados os nomes atribuídos à cidade, à sua bandeira, aos pontos turísticos reconhecidos, como a praça alemã além das igrejas de confissão luterana, a praça Tiradentes e a locomotiva Baldwin da Ferrovia Bahia e Minas e do busto do imigrante libanês a fim de analisar a presença da memória oficial da colonização.

As imagens desses lugares oficiais foram retiradas do portal eletrônico do Museu Virtual Vale do Mucuri (MUVIM) criado por iniciativa de pessoas atuantes na cultura e na história de Teófilo Otoni². O propósito do grupo, em parceria com a UFVJM, o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, a Associação Cultural de Descendentes Alemães em Teófilo, o Clube Libanês e o Sistema Estadual de Museus de Minas Gerais, é a "busca por uma identidade regional". Elegeram-se o site, visto que, com a força da internet e das redes sociais, o poder imagético desses lugares de memória redimensiona o exercício e o alcance da sua simbologia e sua influência para outros espaços. Em contrapartida, para problematizar outros lugares de memória, elegeram-se a Casa dos Movimentos Populares, que surgiu nos anos 1970 por meio da organização de associações de bairro de Teófilo Otoni e o apoio da igreja católica. Outro espaço é a Associação Cultural e Museu Ferroviário Bahia-Minas, que é constituída principalmente pela população negra, na sua maioria descendente de trabalhadores da ferrovia e que vivem na margem da linha da antiga Bahia-Minas.

Os "lugares (oficiais) de memória" de Teófilo Otoni.

²Disponível em: <https://museuvirtualvaledomucuri.com.br/>.

Dos 23 municípios que compõem a mesorregião do Vale do Mucuri, Teófilo Otoni é a principal cidade com uma população de 137.418 (CENSO, 2022) dos 393.985 habitantes da região. Destas 23 cidades, a grande maioria carrega no seu nome a influência que os povos originários exerceram sobre a história da região - como Maxacalis (tribo indígena), Nanuque (a palavra tem origem na tribo de índios *nacknenuck* e significa "habitante da serra"³), Poté (Abelha Negra, índio, antigo cacique) -, ou das riquezas naturais da região - como Águas Formosas, Crisólita (pedra preciosa, do grego, 'pedra de ouro') e Catuji (nome de origem indígena *catú-g-y* - o rio bom, aguada boa). Carlos Chagas, Frei Gaspar e Teófilo Otoni constituem os municípios da mesorregião do Vale do Mucuri cujo nome está vinculado a sujeitos sociais. Qual leitura é possível realizar a partir da interpretação dos nomes das cidades?

Atribuir o nome a uma cidade constitui, para além de uma homenagem, um ato poderoso de exercício de hegemonia. É claro que esse processo de atribuição não ocorre sem a aceitação da população, visto que uma identidade não pode ser definida em um processo de exterioridade pela imposição ou manipulação externa. Destarte, a inexistência de uma "comunidade de sentidos" (CARVALHO, 1990; BACZKO, 1985), na construção de uma identidade e tradições resulta em fracasso.

O município de Teófilo Otoni nem sempre teve esse nome. O povoado de Filadélfia foi fundado oficialmente em 7 de setembro de 1853. Posteriormente foi elevado à categoria de freguesia com a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Filadélfia, pela lei provincial nº 808, de 3 de julho de 1857, e depois com a lei provincial nº 2486, de 9 de novembro de 1878, sendo criada a vila com o nome de Teófilo Otoni, em homenagem a Theophilo Benedicto Ottoni, a partir do desmembramento de Minas Novas. No horizonte histórico, é possível identificar que a genealogia da nomenclatura atribuída à cidade está vinculada ao processo de colonização da região.

Ao atribuir o nome Filadélfia ao lugar, que foi substituído posteriormente, fica evidenciada a tentativa de apagamento de história e da presença de outros sujeitos sociais, como os botocudos, índios que viviam na região, com proposta inicial de americanização. Ou sejam trata-se de um projeto civilizatório que apaga memórias e constrói sobre referências, ora norte-americanas, ora europeias, a simbologia do

³ FONSECA, Ivan Claret Marques Fonseca. **Nanuque** – Seu Povo, Sua História. Verlag nicht ermittelbar, 1986.

lugar. A explicação para o nome atribuído à cidade, encontrada no sítio eletrônico da Câmara Municipal de Teófilo Otoni, representa a valorização de instituições, no tempo presente, de certos marcos e histórias conhecidos oficialmente que ao ocuparem espaço, pressionaram e colocaram limites a outras histórias e memórias da cidade/região.

E Theophilo B. Otoni, de fisionomia aberta, designando aos companheiros as margens férteis do rio, com uma exclamação que deveria perpetuar-se no tempo, diz: *Aqui farei a minha Filadélfia!* (nome que ocorreu a Theophilo B. Otoni em virtude da grande e rápida prosperidade alcançada pela cidade norte-americana que leva ainda hoje o mesmo nome). No aniversário da Independência, a 7 de setembro de 1853, Theophilo B. Otoni faz a inauguração de Filadélfia como centro das colônias do Mucuri. Ele escolheu a data de propósito, na intenção de brindar o grande dia com uma nova cidade. A solenidade é bem simples: o engenheiro Scholobach faz o alinhamento de uma rua, plana e retilínea, comprida de meia légua, no rumo norte-sul, foi batizada a primeira rua de Filadélfia, a Tradicional Rua Direita, oficialmente Avenida Getúlio Vargas.⁴

É possível identificar a força e a influência que o processo de ocupação do Mucuri exerceu sobre a constituição da memória oficial da cidade. Desde a escolha da sua bandeira⁵, reproduzindo as cores da bandeira da Alemanha, em homenagem à colonização alemã, até os nomes das principais ruas e avenidas da cidade, identifica-se a construção de reforços e referências à memória oficial vinculada aos imigrantes. Outros elementos da bandeira sinalizam para o transplante de uma cultura sem vínculo com as populações originárias como os detalhes que lembram paredes de um castelo medieval e se confundem com uma coroa no seu formato. A expressão *Civitas Amoris Fraternalis*, em latim, remete ao significado da palavra Filadélfia. Na parte central da imagem, a vocação que se definiu para a cidade representada pela pecuária, na imagem de um boi e a agricultura, com o café. Da bandeira da Filadélfia norte-americana foi copiada a cornucópia cheia de grãos que simboliza riqueza, fertilidade e abundância.

FIGURA 1: Bandeira de Teófilo Otoni

⁴ (<https://www.teofilootoni.mg.leg.br/cidade>)

⁵ <http://ihgmucuri.com.br/wp-content/uploads/2018/07/DESCRIPC%C3%87%C3%83O-DO-BRAS%C3%83O-DO-MUNIC%C3%8DPIO-DE-TE%C3%93FILO-OTONI.pdf>



Fonte: <https://www.teofilootoni.mg.leg.br/cidade>

Além do nome dos municípios, os nomes atribuídos às praças, avenidas e ruas expressam a influência da colonização na constituição política e geográfica das cidades. O livro “Minha rua conta história”, elaborado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri em 2012, traz o significado dos nomes das ruas de Teófilo Otoni. Dentre eles, identificou-se que a maioria é de homens, brancos, imigrantes e seus descendentes, e, apenas dois eram negros que trabalharam na ferrovia Bahia e Minas, Eloi Martins e Júlio Costa. A rua Júlio Costa, localizada no bairro Palmeiras, nomeia a margem da extinta linha férrea que passa pela cidade. Esta rua foi escolhida para ser o endereço da Associação Cultural e Museu Ferroviária Bahia-Minas.

A presença de imigrantes alemães é uma marca da cidade de Teófilo Otoni. A Praça Germânica, com o monumento aos alemães, homenageia os primeiros imigrantes que chegaram em 1856. Na antiga praça, a igreja luterana da época reforçava os hábitos religiosos alemães na cidade, o que foi alterado com a Segunda Guerra Mundial, quando o templo foi destruído por manifestantes que responsabilizaram os imigrantes pelo conflito. Posteriormente, esse lugar abrigou o Ginásio Mineiro, construído em 1928, destinado aos filhos da elite local na época do auge do café até meados de 1965 para atualmente, abrigar a sede da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig). Na mesma praça onde se localiza o prédio foi colocada uma estátua em homenagem à imigração alemã. O monumento representa um casal que carrega um filho nos braços, e aponta, no horizonte, para a

praça Tiradentes localizada no centro da cidade. Eles reforçam a versão daqueles que estiveram no comando de políticas públicas instituídas. Essas simbologias presentes no espaço público contam a história da cidade, e materializam a força da versão hegemônica da história oficial.

Figura 2: Praça Germânica e monumento ao imigrante



Fonte: <https://www.minasgerais.com.br/pt/destinos/teofilo-otoni>

Esses lugares públicos de memória materializam histórias, representações e versões dominantes da cidade. Na Figura 3, a imagem do lado esquerdo remete ao passeio público, atual praça Tiradentes, construído em 1924. Projetada nos moldes dos jardins franceses, a praça era um espaço de lazer da elite local. Uma cidade planejada que, com o seu crescimento vertiginoso, ocupou outros espaços, em um relevo íngreme, como se percebe na imagem à direita (Figura 4), revelando outras formas de ocupação do espaço urbano que traduzem outras cidades para além daquela oficialmente divulgada.

A contrapelo dos lugares oficiais de memória, eleitos pelos agentes e agências representantes do poder público, emergem os lugares alternativos. Lugares materiais e simbólicos onde a memória social se alicerça a partir de história e trajetórias compartilhadas por sujeitos sociais, que são representativas de vivências e experiências sociais.

Figura 3: Passeio público

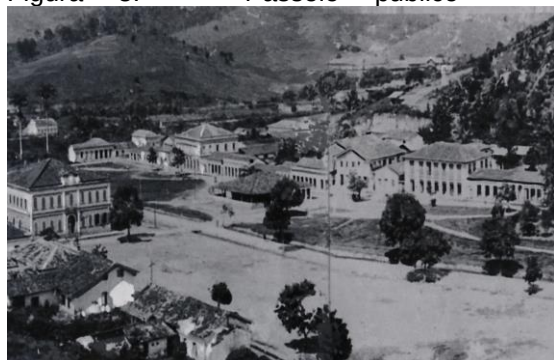


Figura 4: Vista do relevo da cidade



Fonte: <https://museuvirtualvaledomucuri.com.br/pracatiradenteseentorno/>

Os “lugares (alternativos) de memória” de Teófilo Otoni

Em contraposição à enunciação de “capital das pedras preciosas”, ou a “cidade da colonização alemã”, memórias alternativas revelam “outras cidades”, que se constituíram nas franjas do processo da construção discursiva do mito da imigração germânica. Esses foram instrumentos de reforço do poder hegemônico de grupos locais, em detrimento da presença de outros sujeitos sociais na luta pelo direito à cidade (SANTOS, 2016). A título de exemplificação, esse trabalho trouxe para o centro do debate dois espaços, que constituem territórios sociais ao revelarem lugares ocupados, disputados e formulados a partir das experiências e histórias de diferentes sujeitos que se revelam na luta pelo direito à memória e à cidade. A Casa dos Movimentos Populares surgiu nos anos 1970, organizada pelas associações de bairro de Teófilo Otoni e apoio da igreja católica e a Associação Cultural e Museu Ferroviário Bahia-Minas. Este espaço é ocupado principalmente pela população negra, os descendentes de trabalhadores da ferrovia Bahia e Minas e que na sua maioria, vivem na margem da antiga linha do trem. Eles revelam dois “lugares de memória” que sinalizam em grande medida para a disputa silenciosa pelo direito à cidade. Outros espaços podem ser eleitos como lugares de memória, como o Instituto Cultural In-Cena de Teatro criado em 2007 que organiza o FESTTO - Festival Nacional de Teatro de Teófilo Otoni e o Coletivo Cenagô/Teófilo Otoni.